

Além da Escrava Isaura: o pensamento crítico de Bernardo Guimarães

Doutorando Ednaldo Cândido Moreira Gomes¹ (UNICAMP/CNPq)

Resumo:

*O presente estudo analisa o pensamento crítico de Bernardo Guimarães publicado nos **Ensaio Literários** (1847- 1850) de São Paulo e no jornal **A Atualidade** (1858-1864) do Rio de Janeiro. Tais ensaios surgiram durante as discussões condizentes ao imperativo romântico da formação da literatura brasileira e da dialética local/universal e, por isso, polemizam com os ideais temáticos e estilísticos dos principais autores românticos. Em outras palavras, Bernardo Guimarães, através de uma atitude intelectual irônica, mostrava-se contrário à centralização da produção artística na Corte fluminense. O crítico acreditava que a autêntica literatura nacional surgiria com a democratização da produção e da circulação da obra literária proporcionada pelo ajustamento da liberdade de composição romântica adaptada à múltipla realidade provinciana.*

Palavras-chave: Bernardo Guimarães, romantismo, crítica literária, prosa e poesia oitocentista.

Introdução

Waltensir Dutra, no **Suplemento literário de Minas Gerais**, em 25 de julho de 1970, afirma ter faltado ao escritor Bernardo Guimarães uma consciência estética melhor definida; afirma também, entretanto, que os textos esparsos – e a crítica literária dispersa – poderiam indicar um possível catecismo estético seguido pelo poeta mineiro. Para verificar essa hipótese, analisamos uma pequena parcela da crítica atribuída a Bernardo Guimarães chegando à conclusão de que realmente o escritor tinha uma perspectiva própria diante da literatura, à qual era fiel a sua produção.

O pensamento crítico de B. Guimarães², como veremos, defendia uma abordagem analítica impessoal que deveria nortear o público e os escritores a não cometerem os *erros* passados. Essa atividade deveria ser livre de *amarras* européias conceituais e deveria desprender-se dos tons apologeticamente vigentes.

A presente exposição estará centrada em três ensaios principais que representam uma parcela da atividade crítica produzida por B. Guimarães durante sua vida acadêmica (em São Paulo), e sua atividade na imprensa liberal do Rio de Janeiro. Trata-se de **Reflexões sobre a poesia brasileira, Os varões ilustres do Brasil e Revista Literária**.

1 Os primórdios da crítica literária romântica

Os primórdios da crítica literária romântica são as manifestações esporádicas em verso do período árcade; por conseguinte, até a década de 1850 os textos resumiam-se a pequenos excertos publicados nos jornais e Revistas do Rio de Janeiro e das províncias. Em meados do século XIX, o ideário crítico – historicista e europeu – idealizava uma literatura que representasse o autêntico espírito nacional. Assim, o processo de institucionalização de nossa literatura, por um lado, está intimamente ligado ao processo de independência política e, por outro, está subjugado às transformações condizentes à adaptação da forma, isto é, à incorporação artística de um modelo cultural importado³.

Um dos representantes da nascente crítica literária romântica é Santiago Nunes Ribeiro. No ensaio intitulado **Da nacionalidade da literatura brasileira**, escrito em 1843 e publicado na revista **Minerva Brasiliense**, o crítico retoma os argumentos recorrentes da originalidade literária e defende que as literaturas são relativas ao meio e à época, o que permitiu estabelecer uma tradição literária e incorporar o arcadismo e seus trejeitos universais ao gênio individual da criação romântica⁴.

Segundo informação de Ubiratan Machado, por volta de 1844, Dutra e Mello foi quem primeiro analisou uma obra recém-publicada. Dez anos depois, nas páginas do **Correio Mercantil**, Manuel Antonio de Almeida inaugura uma crítica militante, cuja peculiaridade principal residiria na utilização da ironia para menosprezar as publicações que desaprovasse⁵. Nesse período, quase todos os escritores se envolveram em polêmicas incentivadas pelas divergências ideológicas; sendo a mais famosa delas, aquela promulgada por Alencar contra **A Confederação dos Tamoios**, de Gonçalves de Magalhães.

Em 1859, na imprensa liberal de **A Atualidade**, B. Guimarães desfilava todo o seu conhecimento crítico de provinciano talentoso para esculhambar, nas palavras de seu biógrafo Basílio de Magalhães, alguns dos consagrados autores nacionais. Para uma sistematização mais precisa dos ensaios críticos de B. Guimarães, torna-se necessário tecer comentário sobre um texto escrito entre os anos de 1847 e 1850 em São Paulo; portanto, durante os tempos de vida acadêmica de nosso autor: trata-se de **Reflexões sobre a poesia brasileira**, publicado nas páginas dos **Ensaios Literários**.

Reflexões sobre a poesia brasileira é um ensaio importante e polêmico, pois permite interpretá-lo como síntese constitutiva do pensamento crítico e da atividade literária do escritor mineiro. Ora esse ensaio é uma investida contra o ostracismo das letras nacionais influenciadas pela poética francesa e pelo grupo de Gonçalves de Magalhães; ora é um manual estilístico que aponta os possíveis caminhos a serem trilhados pelos poetas brasileiros. A estrutura do texto é dividida em quatro partes publicadas em datas distintas entre os anos de 1847 e 1850. A peculiaridade desse ensaio em relação aos outros textos críticos de B. Guimarães é a permanência de uma linguagem ríspida, recurso retórico comum para um bacharel oitocentista; tal estilo difere bastante, daquele modo irônico dos prólogos, prefácios e de alguns textos do jornal **A Atualidade**.

B. Guimarães inicia o ensaio afirmando que a poesia não é mero refúgio para as almas ociosas; ela exerce também uma função social com princípios civilizadores no desenvolvimento da humanidade. As sentenças importantes e as máximas sociais seriam mais bem popularizadas pela doce voz da poesia, ao contrário do tom austero e grave da filosofia que afasta e prejudica o entendimento dos leigos. Tudo isso nos incita a compreendermos a opção de B. Guimarães por uma linguagem mais *espontânea* na produção dos romances; assim, em sua produção ficcional podemos observar uma minuciosa preocupação com a democratização do acesso ao saber artístico. A opção estilística facilitaria o entendimento – *recepção* – de pessoas não alfabetizadas; ou seja, a opção de B. Guimarães por uma hibridização lingüística facilitaria a recepção oral do texto literário que, acreditamos, seria constituído pela adaptação da eloquência dos manuais de retórica à rudimentar linguagem provinciana.

Com tudo isso, B. Guimarães compreendia o saber literário como sendo um importante fator de distinção social e, por sua vez, defendia a vinculação da poesia à defesa das tradições culturais de uma pátria. Para o nosso autor, no princípio de qualquer nação tudo seria poesia, daí as referências ao caráter inicial da nação americana como elemento favorável ao aparecimento da arte poética. Já a Europa estaria naquele momento próximo da filosofia, do saber cético estagnado pela não criatividade:

O Brasil está na quadra em que a poesia é a propriedade do povo, e manifesta-se por si mesma, e de mais muitas outras circunstâncias concorrem para torná-lo um povo eminentemente poético: a doce temperatura do clima, a profusão de belezas

naturais de que o colmou a natureza, a fertilidade e abundância que fornecendo ao Brasileiro os meios de uma subsistência fácil deixa-lhe ócio bastante para entregar-se às delícias da contemplação, e aos delírios do fantasiar, um passado cheio de recordações grandiosas e belas tradições, tudo deveria dar ao espírito nacional uma direção toda poética; e em verdade assim é; o Brasileiro possui em grão eminente todas as faculdades poéticas; é dotado de uma imaginação fogosa e brilhante e de uma sensibilidade profunda e concentrada que revestindo-o de uma certa indolência exterior o aproxima do caráter oriental. (GUIMARÃES, 2006. p. 151).

Na continuação do texto, o crítico ressalta que o improdutivo modelo poético francês, cuja temática estava próxima da sisudez filosófica, foi trazido para as letras pátrias através da publicação dos **Suspiros poéticos e saudades**, de Gonçalves de Magalhães.

A poesia francesa simpatiza ainda menos com o nosso caráter do que o gosto português que antes nos dominava; introduzida pelo Sr. Magalhães enraizou-se profundamente entre nós e os primeiros ensaios de originalidade que pareciam ir preparando uma época brilhante para a poesia nacional sofreram um golpe mortal com a aparição dos Suspiros e Saudades poéticas (*sic*). (GUIMARÃES, 2006. p. 154).

No Brasil, o salto temporal de um classicismo português para um romantismo francês impediu o desenvolvimento de uma originalidade nacional; por conseguinte, o nosso servilismo constituiu refúgio para os espíritos estéreis e medíocres; contudo, para o estudioso mineiro haveria duas possíveis saídas para a fertilização da inspiração nacional: o nosso passado – a raça extinta – e o nosso presente – a raça dominadora. A história, as tradições, os usos e costumes *bárbaros* das tribos brasileiras, e os conflitos com os europeus deveriam compor os tesouros da poesia e dos dramas nacionais; assim, as artes arrancariam do ouvido popular essas histórias, consagrando-as com a publicação impressa.

Com relação ao momento que lhe é contemporâneo, B. Guimarães propõe um retorno à forma dos clássicos portugueses, com exclusão da mitologia grega, para assim pintar a época em que vivia com trejeitos de fidedignidade. Por consequência, essa atitude resumiria boa parte das concepções do poeta: seguir um passado de tradições populares e exprimir a contemporaneidade de maneira romanesca. Não obstante, B. Guimarães coloca em evidência uma de suas pressuposições estéticas principais: a importância da descentralização da produção artística. Em sua ótica, uma literatura só seria genuinamente nacional quando ocorresse a difusão das luzes da civilização pelas províncias, o que aumentaria o público leitor e permitiria o surgimento de novas inspirações.

A maior participação das províncias nas artes nacionais permitiria o surgimento de uma literatura amplamente diversificada, tanto no conteúdo, quando na forma⁶:

Provavelmente ela não será uniforme, e apresentará tantas variações quanta é a diversidade de nosso clima e solo: o caráter dos povos das campinas abertas do Sul divergirá essencialmente dos habitantes das nimbosas e auríferas serranias de Minas, e dos filhos das gigantescas e majestosas florestas do Pará. (GUIMARÃES, 2006. p. 161).

Obviamente, essa literatura heterogênea não poderia sair dos gabinetes, mas de um contato natural com a realidade provinciana; o que quer dizer que não bastava ao escritor ler os cronistas viajantes e reproduzir os tempos antigos; antes deveria procurar inspiração nos pensamentos e nas recordações dos antepassados, cuja fonte seria a tradição oral, muitas das vezes observada pela experiência própria, não livresca.

1.1 A Crítica no A Atualidade

Até aqui verificamos que B. Guimarães é coerente num posicionamento contrário à centralização do saber literário na Corte fluminense. Sua crítica e sua lírica clandestina, desmoralizadoras do romantismo lacrimajante, reforçam sua consciência criativa em prol da democratização do acesso aos bens culturais¹. Para que isso ocorresse, segundo ele, a liberdade de composição romântica deveria ser adaptada ao meio literário brasileiro e à realidade provinciana.

Tal atitude representaria um avanço para a efetivação de uma literatura autêntica e diversificada no tema – urbano/cortez e rural/provinciano. Se estivermos corretos, B. Guimarães, não possuindo aspirações políticas na Corte, procurou se afastar dos tons apologéticos vigentes e se aproximou de uma visão mais “autêntica” e, conscientemente, mais distanciada de amarras conceituais. Tudo isso lhe possibilitou marcar época nas páginas do jornal liberal **A Atualidade**, órgão impresso por Flávio Farnese, Lafaiete Rodrigues Pereira e o próprio poeta:

depois do “Atualidade”, jornal político, do programa adiantadamente liberal [...] a imprensa, impulsionada pelas idéias, começou a progredir, não só na capital do Império como na Províncias. (COELHO NETO, 1929. p. 169).

A progressão da imprensa não se deu apenas nas idéias como afirma o excerto acima, ela é notada também na impressão, isto é, nos avanços tipográficos. As novas técnicas permitiram o surgimento dos jornais ilustrados, aumentando assim as charges com função satírica e o espaço destinado à publicidade. Nas páginas do **A Atualidade** é notável o avanço técnico de 1859 para 1864, em que podemos observar boa qualidade gráfica. Contudo, o pensamento crítico de B. Guimarães nesse periódico é pouco conhecido, embora algumas vezes citado. A não reunião em livro deixa dispersa essa crítica que compõe um *corpus* interessante para a reavaliação do autor e da história de nosso romantismo.

Ubiratan Machado (2001) atesta veementemente que o artigo de estréia de B. Guimarães seria **Os varões ilustres do Brasil do Sr. Pereira da Silva**, uma resenha que traz a peculiaridade de ser um dos poucos textos que não abordam como tema a poesia brasileira. Já Brito Broca (1979) confirma a autoria dos principais artigos sobre Padre Correia, Gonçalves Dias, Junqueira Freire e Macedo – nessa ordem – e atribui ao poeta mineiro a confecção de mais um, intitulado **Revista Literária**, datado em 01 de outubro de 1859. Esse texto ocupa uma posição curiosa, pois seria posterior ao polêmico ensaio sobre o Padre Correia, de julho de 1859⁷.

Em nossa pesquisa, conferimos a autoria de outros textos importantes; para confirmar nossa hipótese nos baseamos em Basílio de Magalhães (1926) e nos próprios editores do **A Atualidade**. Atesta o primeiro que:

Sei, entretanto, que muitos editoriais políticos da “Atualidade”, tidos como oriundos da pena de Flávio Farnese ou da de Lafayette Rodrigues Pereira, eram realmente da do autor de Cantos da Solidão. O insigne jurista e conspícuo estadista, que depois presidiu o Gabinete de 24 de maio de 1883, confessou a amigos, em palestra, depois da morte do escritor ouro-pretano, que não hesitaria em recorrer muitas vezes, a este, para a elaboração de artigos de grande responsabilidade partidária e que foram estampados nas colunas daquele órgão liberal. E, não obstante a frieza com que (Lafayette) costumava julgar os homens, não vacilava em proclamar, com desusado calor de expressão: Bernardo Guimarães foi um gênio! Se se entregasse ao estudo, ao trabalho e a uma vida regular, teria assinalado a época em que existiu, porque o seu prodigioso talento tudo supria! (MAGALHÃES, 1926. p.40).

Se estivermos corretos, B. Guimarães legou num curto espaço de tempo uma crítica importantíssima que ultrapassou as fronteiras do estritamente literário e direcionou-se para um debate cultu-

¹ Destaquemos o **Elixir do Pajé** e os poemas clandestinos de B. Guimarães estudados por vários críticos literários e, também, rapidamente analisados em nossa dissertação de mestrado: **Sutilezas e mordacidades na poética de Bernardo Guimarães**.

ral amplo, cujo mérito reside em combater a política centralizadora e as idéias literárias dos grupos hegemônicos românticos.

Assim, a atividade literária de B. Guimarães parece-nos mais consistente e consciente com o conhecimento de sua crítica. O que chama atenção, num primeiro instante, é o tom despretensioso seguido de rigor analítico textual. Todos os exemplos são justificados pela descrição literária do problema, o que autentica uma preocupação minuciosa e sistemática. Outra característica comum é a erudição utilizada a partir de uma tradição conceitual, sobretudo, retórica. São citados autores clássicos, portugueses, franceses e alemães. A fundamentação dos comentários confirma a opinião de Waltensir Dutra e Fausto Cunha: “estamos diante de um escritor que trazia na mão um “catecismo” estético, pelo qual estudara impiedosamente alguns de seus coevos” (DUTRA & CUNHA, 1965. p. 55).

Busquemos agora, o *catecismo* estético contido no **A Atualidade**: a primeira crítica, publicada em 19 de fevereiro de 1859, comenta a benevolência com que foi recebida a primeira edição de **Plutarco brasileiro**; que, em nova impressão, passa a se chamar **Os varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais**.

Esse ensaio é interessante porque condiciona o gênero *biografia* ao estilo literário, não esquecendo de salientar a necessária fidedignidade histórica da empreitada. Para exemplificar o seu pensamento, B. Guimarães diferencia estilo biográfico de escrita da história; além disso, entende que as recepções críticas favoráveis e benevolentes – costumeiras na imprensa – deveriam ser substituídas pela crítica imparcial decorrente do desenvolvimento das letras pátrias.

Para B. Guimarães, essa recepção crítica apologética cumpria um papel social: favorecer o surgimento de novos textos. Entretanto, o crítico defende que a imprensa oitocentista deveria apontar com severidade os defeitos que qualquer publicação possuísse.

Hoje, porém, as circunstâncias são outras; o literato cresceu em nome e em ciência, a linguagem da imprensa, senão deve ser acerba, nem por isso deve deixar de ser severa e franca [...] O livro do Sr. Pereira da Silva tem de ser lido pela nossa mocidade, é destinado ao povo. É de mister pois submetê-lo a um estudo sério, sondar-lhe as perfeições, revelar com clareza seus defeitos, ver se o fim que o autor levou em mira foi tocado [...] Plutarco Brasileiro, ou Varões ilustres, a obra do Sr. Pereira da Silva não tentou um trabalho biográfico. Não pretendeu estudar os homens de que se ocupou sob um ponto de vista especial; descreveu o indivíduo em todo o círculo de sua atividade, tratou de sua vida inteira. Fez, pois, biografias. (GUIMARÃES, 1859. p. 2).

Sendo assim, *sondar* as perfeições e as imperfeições de qualquer obra e “ver se o fim que o autor levou em mira foi tocado” é uma reflexão comum aos manuais de retórica oitocentistas⁸. Primeiro, porque deduz existir uma *consciência criativa* por detrás de qualquer obra; segundo, porque estabelece um parâmetro diverso: o crítico na leitura do texto apontará os deslizes cometidos numa natureza estética – elementos internos – e histórica – diálogo com a tradição. Seguindo esse raciocínio, B. Guimarães define primeiramente a filiação da obra estudada a um gênero existente, no caso a biografia, depois, verifica se o estilo e se o tema estão em consonância à verossimilhança apresentada pela obra⁹.

A intenção do juízo imparcial, além de ser um objetivo comum aos pretendentes à crítica, em B. Guimarães assinalaria a defesa de uma literatura livre de amarras temáticas, influências francesas e, também, de preconceitos geográficos, como o pouco valor às manifestações literárias provincianas.

Durante a investida crítica, B. Guimarães executa etapas diferenciadas. A primeira etapa – a conceituação do gênero – diferencia estilisticamente a escrita da biografia da produção da história. Nesse momento, Bernardo cumpre uma gradação metodológica que pode ser assim resumida: o

primeiro passo, como já dissemos, é a conceituação da obra analisada; o segundo momento pertence à historicidade do problema; vem depois, a análise mordaz com apontamentos literários na descrição de escolhas ineficientes; por fim, certas condolências com o criticado.

Cumpridas as duas etapas analíticas, Bernardo aponta as minúcias do objeto analisado. Relaciona problemas de natureza descritiva às questões que envolvem leituras anacrônicas realizadas pelo autor:

Notamos em várias de suas biografias um defeito que nos pareceu bem grave. Muitas vezes vai buscar explicação do procedimento do homem, cuja vida escreve, em idéias que não vogavam na era à que se refere. É um erro bem deplorável querer achar na ordem de idéias de uma época, explicação de fatos de outras eras. (GUIMARÃES, 1859. p.3).

Outro ponto de vista destacado por B. Guimarães diz respeito aos excessos cometidos por Pereira da Silva na confecção da obra: todos os biografados, sem exceção, teriam levado uma vida de dedicação e apreço pela pátria, ou seja, uma biografia forjada em gabinete:

Quantos varões ilustres encontra a pena do Sr. Pereira da Silva, tantos gênios nas letras, artes, política, nas ciências divinas e humanas. Os maiores homens dos outros países ofuscam-se ante os nossos homens ilustres. (GUIMARÃES, 1859. p.3).

Finaliza B. Guimarães com uma avaliação positiva. Após seguir uma escala analítica, conclui que os defeitos da obra não lhe impedem de considerá-la um belo livro, que deve influenciar a geração vindoura e inspirar o gosto pelas nossas causas, nossos costumes e nossos poetas.

Noutro texto, intitulado **Revista Literária**, publicado em 01 de outubro de 1859, B. Guimarães aponta alguns dos pressupostos que deveriam nortear o trabalho da crítica. Esse estudo possui uma data curiosa, porque é posterior ao polêmico ensaio sobre o Padre Correia, impresso em julho e agosto de 1859.

Os debates suscitados talvez tenham motivado B. Guimarães a publicar esse pequeno texto em que mantém a convicção na perspectiva civilizatória da cultura das letras. Acima disso, o poeta mineiro desenvolve duas idéias principais: a) questiona o silêncio do público e da imprensa no comentário às novas publicações; b) procura estabelecer metodologias coerentes para o estudo da literatura. Segundo Bernardo, a literatura seria para as gerações vindouras o fiel retrato da época passada. Por isso, assume como missão:

Alentar e promover pelos meios a nosso alcance a cultura das letras em nosso país, procurar vulgarizar o gosto literário por meio de uma crítica franca, imparcial, e sincera, constitui também uma das partes da tarefa que tomamos sobre nossos ombros, quando encetamos a carreira do jornalismo. (GUIMARÃES, 1859. p. 2).

A postura defendida por B. Guimarães segue a esteira das discussões que envolvem a nacionalidade e a missão civilizatória das artes; segundo consta, o menor ou o maior grau de perfeição da literatura sintetizaria o desenvolvimento de um povo. Em seguida enumera o escritor ouro-pretano os diversos preconceitos que a crítica enfrenta:

A crítica na verdade tem contra si terríveis preconceitos. Muitos a olham como a inimiga do gênio, como latidos vãos da inveja e da mediocridade, que se esforça por sustar-lhe os vãos. Os poetas consideram uma profanação, que se ouse submeter ao escalpelo frio e severo da razão suas obras quentes de entusiasmo, palpitantes de inspiração! (GUIMARÃES, 1859. p. 2).

Contrariando aqueles divulgadores da expressão anti-crítica – *o belo sente-se e não se explica* – o poeta mineiro argumenta:

Como, se o sentimento, submetido à reflexão e ao estudo, não se pudesse transformar em uma idéia distinta e perfeitamente formulada [...] O belo sente-se antes que

se possa explicar; os produtos da arte afetam primeiro a sensibilidade e a imaginação, antes que a reflexão deles se apodere e explique a razão porque agradam ou desagradam [...] Reduzido a estes termos o axioma de que falamos, longe de proscrever a crítica, antes a recomenda. (GUIMARÃES, 1859. p. 2).

B. Guimarães termina o ensaio julgando ser a crítica um elemento indispensável para formar e dirigir o gosto literário; além disso, resume pressuposições que seguirá em toda sua carreira artística:

Com o intuito pois de fazer nascer algum interesse mais vivo pelo progresso de nossas letras, sufocadas sob a atmosfera pesada da indiferença, e quase consideradas pelo positivismo da época como a maior das futilidades da vida, comecemos a passar em revista os produtos mais notáveis da nossa literatura nacional contemporânea [...] levados somente pelo culto das letras, e pelo desejo de vê-las prosperar entre nós, aos nossos juízos presidirá sempre a mais completa imparcialidade [...] Não poderemos dar aos nossos trabalhos a harmonia de um todo sistemático, quer quanto à ordem cronológica, quer quanto a qualquer outro ponto de vista sob que possam ser considerados; e assim iremos analisando indistintamente poetas ou prosadores, filósofos e oradores, de mais ou menos recente época. (GUIMARÃES, 1859. p. 2).

O fragmento acima esclarece os princípios seguidos pela literatura de B. Guimarães. O desejo de impulsionar a prosperidade das letras levou-o a compor uma obra irregular que criticava explicitamente (ou implicitamente) os modelos temáticos e ideológicos que julgasse prejudicial. Na sua crítica, a imparcial pretensão analítica estaria vinculada ao afastamento de um “protecionismo” ligado à cultura das letras, ou seja, o ensaísta julgaria uma obra independentemente do modismo europeu vigente e da relação interpessoal laudatória. Assim, o crítico analisaria os textos (bons ou ruins) com o intuito de apontar os defeitos a serem evitados e os modelos a serem seguidos pelas futuras gerações. Nos anos seguintes, B. Guimarães publicou em outros periódicos literários, ora um folhetim, ora um poema. Sua atividade crítica foi interrompida pelo retorno do poeta ao estado de Goiás, como juiz substituto.

Nos textos analisados até o momento notamos em B. Guimarães uma atitude contestadora, num posicionamento definido pela proximidade com aquele previsto pela ironia multifacetada em humor, sátira e *nonsense*. Tal comportamento teve, em alguns momentos, o intuito de questionar a veracidade das escolhas estilísticas dos autores analisados; em outros, o objetivo de contrapor perspectivas em prol da construção de uma literatura brasileira heterogênea. Essa postura estética foi responsável por uma carreira literária irregular defensora de uma descentralização política e geográfica dos *saber* literário. Para isso, requer maior atenção para as manifestações literárias provincianas e, também, para a valorização da linguagem popular.

Já a crítica literária deveria cumprir um papel imparcial nos juízos de valor, esquecendo os tons apologéticos recorrentes no século XIX: a constituição de uma literatura genuinamente brasileira para B. Guimarães deveria seguir peculiaridades locais que estariam em consonância com a métrica e com a linguagem empregada; assim, por exemplo, o índio romântico – Golçalviano – nunca poderia ser descrito com modelos puristas europeus, pois ocorreria um anacronismo inaceitável.

Atualmente, a valorização da obra de B. Guimarães na estética romântica está concentrada no espaço mais enérgico do movimento, que é o da ironia e do humor. A minha hipótese é que uma reavaliação do conjunto da obra de B. Guimarães poderia apontar novas possibilidades de leitura de nosso romantismo brasileiro, especialmente, aquele ocorrido em Minas Gerais.

Nessa sequência, podemos afirmar que a produção literária irregular de B. Guimarães possui um fio condutor: uma espécie de postura estética irônica contida numa carreira artística diversificada, que tem por princípio a desmistificação de qualquer “verdade” unívoca, em prol de uma literatu-

ra heterogênea que atraísse o gosto médio – popular – e que suscitasse discussões da população acadêmica.

A estagnação das artes e do gênio dos poetas nacionais do século XIX brasileiro era compreendida por B. Guimarães como perniciosa influência de Gonçalves de Magalhães e da Revista **Niterói**; por isso, o poeta mineiro combateu dentro dos seus parâmetros o indianismo romântico e os excessos estilísticos do movimento.

Conclusão

Dentro das concepções românticas de liberdade artística, B. Guimarães defendia um ajustamento do verso à idéia poética expressa; sendo assim, para o poeta ouro-pretano, eram muitos aqueles que possuíam sensibilidade poética, mas eram raros aqueles que tinham talento para exprimi-las. Nessa crença, escreve nas páginas do **A Atualidade** textos mordazes, cujo mérito foi defender uma análise *imparcial* do fenômeno literário. A imparcialidade, para o poeta mineiro, estava no afastamento dos tons apologeticos vigentes no período. Para realizar o intento, B. Guimarães seguia uma gradação metodológica: o primeiro passo analítico era a conceituação da obra analisada; o segundo buscava a historicidade do problema; depois vinha a análise mordaz, com apontamentos indicativos de descrição de escolhas ineficientes; por fim, apresentava certas condolências com o criticado.

Tudo isso levava B. Guimarães a defender uma democratização do acesso ao saber artístico, com maior participação das províncias e uma linguagem literária próxima do português brasileiro:

Outra causa que retarda a época da emancipação de nosso espírito, é que inda as luzes das ciências e artes não se derramaram pelo império, e as que existem estão inteiramente concentradas na capital: as províncias participam mui francamente do reflexo dessa civilização; é lá onde todas as atenções convergem continuamente para a Europa, que se resume quase exclusivamente todo o nosso mundo literário, não sendo essa cidade mais que uma cidade européia encravada no território brasileiro: – por tanto só quando o luzeiro da civilização difundir suas luzes pelas províncias, e desenvolver-se – aclimatada – igualmente por toda a extensão do império, o espírito nacional se despertará, e comunicará sua seiva às suas produções, e o caráter nacional refletir-se-á mais saliente na nossa literatura. (GUIMARÃES, 2006. p. 161).

A estagnação da literatura nacional – pela demasiada influência francesa trazida por Gonçalves de Magalhães – poderia ser sanada por duas fontes de inspiração para a poesia e a prosa: o nosso passado, as tradições provincianas, e o nosso presente, a contemporaneidade romântica.

Assim, a poesia estaria na voz do povo e teria uma função civilizatória de popularização dos saberes, contrariando a voz austera da filosofia cética européia não agradável aos ouvidos populares. A narrativa, para B. Guimarães, deveria seguir as trilhas dos romances de costumes, deveria ser então fonte – cultural, lingüística, comportamental – para as gerações vindouras.

Contudo, acreditava o nosso autor que a linguagem literária deveria adequar-se à expressão regional; dessa maneira, criticou Gonçalves Dias nos **Timbiras**, justamente por ter empregado o alexandrino e a linguagem quinhentista portuguesa; acreditava B. Guimarães que esse emprego era anacrônico, porque vestia os silvícolas americanos com armaduras antigas européias.

Se a arte escrita seguisse os pressupostos descritos acima, teríamos uma literatura nacional diversa em temas e estilos. B. Guimarães acreditava, portanto, na heterogeneidade da literatura brasileira como requisito peculiar para a sua existência. Talvez por isso tenha cantado as lendas do litoral santista em **A ilha maldita**, as crenças místicas do povo, em **Ermitão de muquém**; as tradições populares na **História e tradições da província de Minas**; e tenha ridicularizado o romantismo forjado em gabinete, no **Elixir do pajé**. O poeta ouro-pretano foi fiel em toda sua produção literária a uma diversidade constitutiva:

Provavelmente ela [a literatura] não será uniforme, e apresentará tantas variações quanta é a diversidade de nosso clima e solo: o caráter dos povos das campinas abertas do Sul divergirá essencialmente dos habitantes das nimbosas e auríferas seranias de Minas, e dos filhos das gigantescas e majestosas florestas do Pará. (GUIMARÃES, 2006. p. 161).

Referências Bibliográficas

- [1] BOECHAT, Maria Cecília. Uma notícia sobre a crítica de Bernardo Guimarães. In: CAMBRAIA, César Nardelli; MIRANDA, José Américo. **Crítica Textual: Reflexões e práticas**. Belo Horizonte: Ed. FALE, 2004. p. 143-149.
- [2] CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Humanitas, 2002.
- [3] FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006.
- [4] CUNHA, Fausto; DUTRA, Waltensir. **Biografia crítica das letras mineiras: esboço de uma história da literatura em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: INL, 1956.
- [5] CUNHA, Fausto; DUTRA, Waltensir. Um elo que falhou. Minas Gerais, Belo Horizonte, 25. Jul. 1970. **Suplemento Literário**, p. 10-11.
- [6] GUIMARÃES, Bernardo. In: **A ATUALIDADE**. Rio de Janeiro: 1859-1864. Arquivo particular. (microfilmes da Fundação Biblioteca Nacional).
- [7] GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura e Ermitão de muquém**. São Paulo: Martins ed., [19--].
- [8] GUIMARÃES, Bernardo. **A ilha maldita & O Pão de Ouro**. Rio de Janeiro: Garnier, [s.d.]
- [9] GUIMARÃES, Bernardo. **História e tradições da província de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Garnier, [18--].
- [10] GUIMARÃES, Bernardo. **Lendas e romances**. Rio de Janeiro: Garnier, [18--].
- [11] GUIMARÃES, Bernardo. **Maurício**. Rio de Janeiro: BRIGUIET & cia, 1941.
- [12] GUIMARÃES, Bernardo. **O Elixir do pajé**. Sabará: Edições DUBOLSO, 1988.
- [13] GUIMARÃES, Bernardo. **O garimpeiro**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.
- [14] GUIMARÃES, Bernardo. O Índio Afonso. In: **Revista Acervos Literários**. Mariana, v.3, n.3, p. 157-211, 2003.
- [15] GUIMARÃES, Bernardo. **O seminarista**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.
- [16] GUIMARÃES, Bernardo. Reflexões sobre a poesia brasileira. In: GARMES, Hélder. **O Romantismo Paulista**. Os ensaios literários e o periodismo acadêmico em São Paulo de 1833 a 1860. São Paulo: Ed. Alameda, 2006. p. 149-157.
- [17] GUIMARÃES, Bernardo. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: INL, 1959.
- [18] GUIMARÃES, Bernardo. Rosaura, a enjeitada. Rio de Janeiro: Coleção Saraiva, 1970.
- [19] MAGALHÃES, Basílio de. **Bernardo Guimarães**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1926.
- [20] SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. 5 ed. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2000 [1977].
- [21] SOUZA, Roberto Acízelo de. **O Império da Eloquência**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

¹ **Ednaldo Cândido Moreira Gomes, doutorando em Teoria e História Literária.** Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Email: ednaldoichs@yahoo.com.br.

² A partir daqui registraremos o nome do autor pela expressão: B. Guimarães.

³ Ver SCHWARZ, 2007 [1977]. p. 35.

⁴ Além de Santiago Nunes Ribeiro poderíamos citar também os nomes de Carlos Emilio Adet e Joaquim Norberto; porém, esses autores nunca procederam à abordagem crítica de nenhuma obra recém-publicada; estavam preocupados com a influência francesa e a expressão do caráter nacional dos textos. Ver CANDIDO, 2002. p. 39.

⁵ Mais detalhes poderão ser consultados em MACHADO, 2001. p. 231.

⁶ B. Guimarães preconizava que o crítico literário (em sua atividade avaliadora) deveria levar em consideração a diversidade das três raças e a variedade de ocupação regional contida – estilisticamente, tematicamente – nas obras publicadas no Brasil.

⁷ Por se tratar de um manifesto, esse texto deveria ocupar a posição inaugural na seção de crítica literária; no entanto, devido à polêmica gerada pelas publicações anteriores, esse texto funciona como uma *justificativa crítica* acerca do pensamento crítico de B. Guimarães.

⁸ Ver **A Fonte Subterrânea**: José de Alencar e a retórica oitocentista de Eduardo Vieira Martins, publicado pela Edusp em 2005.

⁹ Parece-nos que essa metodologia assemelha-se ao pensamento alencariano da *verossimilança*: Alencar concebe o verossímil não como fidelidade ao modelo extraliterário, mas como adequação às regras do gênero. Ver MARTINS, 2005. p. 142.